

# O legado de Fabio Herrmann: Teoria dos Campos, um pensamento original

Luciana Estefno Saddi

Revista Brasileira de Psicanálise  
número especial, p. 204-220 · 2017

## Resumo

Alguns pontos relevantes da Teoria dos Campos (método, ruptura de campo, inconsciente, técnicas, psicanálise do cotidiano, literatura e crença) são comentados com o intuito de realizar um breve estudo crítico, a fim de situá-la junto às mais importantes teorizações da psicanálise. Conclui-se que há mais do que originalidade nessa forma de pensar: há esforço de depuração epistêmica com o sentido de levar a psicanálise a cumprir seu horizonte de vocação – tornar-se ciência geral dos sentidos humanos.

## Palavras-chave

epistemologia; Teoria dos Campos; método; ruptura de campo; psicanálise do cotidiano; literatura; crença.

LUCIANA ESTEFNO SADDI é membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP. Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Autora dos livros *O amor leva a um liquidificador* (Casa do Psicólogo), *Perpétuo Socorro* (Jaboticaba) e *Alcoolismo* (Blucher).

## 1. Introdução

O presente artigo não se limita a apresentar os fundamentos da Teoria dos Campos para o psicanalista que os desconhece, embora, em muitos momentos, essa apresentação seja útil. Serão comentados alguns pontos relevantes das ideias e proposições de Fabio Herrmann com o objetivo de realizar um breve estudo crítico desse pensamento.

Em razão da importância de situar essa obra junto às mais significativas teorizações da psicanálise, procura-se criar a oportunidade para a compreensão da originalidade bem como da sua relevância na expansão do movimento psicanalítico. Também serão expostas algumas ideias da autora que nasceram durante os mais de 16 anos de diálogo e embate com a Teoria dos Campos. Essa é a intenção do artigo, que não está, portanto, isento de lembranças, afetos e admiração.

Ao final deste texto, o leitor encontrará um roteiro de leitura para a obra de Herrmann – elaborado por Leda Herrmann, psicanalista, estudiosa da Teoria dos Campos e esposa de Fabio Herrmann. Em função da extensão e relevância dessa obra, é indispensável tal roteiro como complemento do artigo, a fim de orientar iniciantes e aqueles já familiarizados com esse pensamento.

## 2. O método

O pensamento psicanalítico de Fabio Herrmann está reunido em obra extensa e árdua. A leitura e o entendimento dos

textos dele têm como desafio dois aspectos principais: o primeiro está na linguagem, complexa, inerente a quem possui amplo conhecimento filosófico, grande domínio linguístico, estilo próprio e pensamento literário; o segundo reside na recriação da psicanálise (daí sua originalidade) baseada no método, e não em teorias relativas ao funcionamento do aparelho psíquico, desenvolvimento da libido, desenvolvimento do sentido de realidade ou do bebê humano, a título de exemplo, pois são tantas as teorias existentes que não haveria espaço, neste breve artigo, para elencá-las.

Imagine que um sujeito liga a TV e na tela aparece uma partida de tênis. Há dois tenistas, um de cada lado da rede, que batem e rebatem uma pequena bola; cada jogador empunha uma raquete. O que é esse jogo? Qual o objetivo? Nada se sabe sobre as regras do jogo, mas por curiosidade procura-se entender, com o perdão pelo trocadilho, o que está em jogo. Há características de fácil entendimento: cada jogador tem uma raquete, bolas, uma rede divide a quadra, limites para o toque da bola e árbitro. A vestimenta dos tenistas é parte essencial do jogo ou algo aleatório?

Imagine, agora, que um homem se deita no divã – nada se sabe sobre o ofício da psicanálise; outro homem está sentado numa poltrona; eles falam, falam, calam e falam novamente; não se entendem, se entendem; pode parecer uma conversa de loucos. O que você extrai disso? Quais regras presidem tão estranho encontro? O que acontece entre esses personagens?

O pensamento metodológico opera dessa maneira ao dispensar teorias consagradas;

não pretende afirmar o que é o homem ou qual é a natureza humana. O pensamento metodológico procura entender o que a psicanálise faz. Essa operação é bastante abstrata e exige enorme capacidade de síntese. Exige também certo distanciamento para colocar em outra perspectiva, a partir de um ângulo fora da rotina, o fazer clínico-teórico, e desse modo revelar e desconstruir elementos essenciais. Soma-se ao distanciamento necessário a implicação indispensável, por ser Herrmann analista entranhado no atendimento de pacientes, em permanente diálogo clínico e teórico com a obra de Freud e com o movimento psicanalítico de maneira geral, e não apenas o estudioso da psicanálise.

Fabio Herrmann explicitou o *common ground*. Respondeu insistente pergunta presente na IPA (International Psychoanalytical Association) nos anos 80.<sup>1</sup> Não importa quais são as teorias do analista nem faz grande diferença a escola a que pertence. A psicanálise, seja ela qual for, opera por *ruptura de campo*. O *campo* pode ser definido como o conjunto de relações que, quando explicitado por meio do trabalho analítico, se transmuta em outro campo, e novo campo se forma; eis a ruptura de campo. As relações presentes num campo são cognoscíveis; já o campo se dá a entrever apenas no momento da ruptura. A cada ruptura, observa-se uma espécie de desmantelamento de sentidos, o vórtice, até que outros sentidos se organizem em novo campo, e assim sucessivamente. Eis o método da psicanálise, o *método interpretativo por ruptura de campo*, que assiste à criação de sentido. Na perspectiva

metodológica, a interpretação não se liga a uma ou a outra fala do analista, mas ao conjunto de intervenções e acontecimentos (incluindo o diálogo analítico) que levam à ruptura de campo.

O paciente não é um ou o homem na acepção mais usual da palavra. O sujeito da psicanálise é derivado da sua posição metodológica e, portanto, resultado da ação psicanalítica: o homem psicanalítico. O homem psicanalítico é o que sofre a ação do método. Herrmann alinha-se à posição mais contemporânea em termos de produção de conhecimento a partir de visão epistemológica. Cada ciência constrói o próprio campo de ação: objeto e procedimentos. Essa questão, por exemplo, colocou Einstein de um lado e Bohr e Heisenberg de outro, como demonstrou Isaacson (2007), visto que os físicos que estudavam a mecânica quântica, ao contrário de Einstein, não sustentavam que a física pudesse investigar uma realidade subjacente, única e independente. Deixa de ser possível a afirmação de que o propósito da física seja descrever a natureza. A física, a partir da mecânica quântica, passa a falar da própria física. De maneira análoga, Herrmann fala de homem psicanalítico, o sujeito da psicanálise. Daí extrai algumas características e também particularidades do próprio método em ação. O trabalho exaustivo e rico está presente na obra *Andaimos do Real: o método da Psicanálise* (1979/2001a), em que recria toda a psicanálise a partir da visão metodológica.

Herrmann, ao resgatar o ato interpretativo inaugural de Freud, demonstrou a força metodológica da psicanálise, por meio do conceito de ruptura de campo, base de sua obra. Também reviu as noções de *inconsciente*, de *interpretação*, de *transferência* e de *setting*. Os conceitos básicos e os alicerces da jovem ciência foram retrabalhados, embasados na fenomenologia, dentro da perspectiva metodológica. Há originalidade e abrangência suficiente em *Andaimos do Real: o método da Psicanálise* para afirmar haver uma releitura consistente e singular de toda a psicanálise. Audacioso e criativo pensamento genuinamente brasileiro.

O olhar metodológico tem como excelência a remoção do excesso de teorias relativas ao sujeito e à clínica, que confundem e saturam, e não proporcionam descoberta. A busca de Herrmann é promover certa limpeza e, dessa maneira, recuperar o poder heurístico da psicanálise. O argumento utilizado é: *quem não cria crê*. A visão crítica do exercício analítico está na raiz dessa proposta e requer um psicanalista capaz de se colocar na mesma posição que Freud se colocou, fazer como o mestre, criar e reinventar a psicanálise para que se cumpra sua missão, tornar-se o horizonte de sua vocação, ciência geral da psique. A psicanálise deve seguir sua vocação ou morrer, pelas mãos dos analistas, como tantas outras ciências passageiras, ao voltarem a atenção à disciplina existente e se contentarem com a prática clínica, em

vez de promover uma reflexão filosófica e epistemológica profunda a respeito dos próprios fundamentos.

A busca constante pela posição criativa e crítica em relação à psicanálise é o motivo da produção e da inquietude epistemológica presentes em Herrmann. Bion (1962/1991a), por exemplo, criticou a saturação do uso de teorias e procurou, até na matemática, um meio de acabar com o vício que se abateu sobre a psicanálise. Acabou por se agarrar à literatura como arma para travar tal combate (Bion, 1991b). Já Herrmann realizou, primeiramente por meio da visão metodológica, uma operação de desbaste. Considerou os conceitos psicanalíticos como mais próximos da interpretação do que da definição de conceito das *hard sciences*, e assim salientou a condição de ciência interpretativa da psicanálise, bem como sua revolução metodológica, para só depois incorrer na literatura/literatura a fim de encontrar o frescor da descoberta.

Qual a importância do caminho escolhido? O desbaste realizado pelo método possibilitou colocar as teorias e conceitos da psicanálise em posição menos substancial. Aproximar teorias e conceitos à interpretação conferiu maior leveza ao corpo teórico/clínico da psicanálise e libertou o analista para o exercício de criação das próprias teorias. Movimento verdadeiro a favor do não aprisionamento à teorização, permitiu o abandonar-se ao saber do outro (paciente e cultura), por meio da escuta analítica, para modelar uma teoria singular – a prototeoria. Em resumo: colocar entre parênteses o conhecimento

analítico consagrado para tornar possível a emergência de uma nova teoria particular e, talvez, provisória. Versão singular de teorias consagradas em termos não excessivamente psicanalíticos, por vezes ficcionais, com a finalidade de preservar o poder criativo da psicanálise. Por meio desse movimento teorizante, é possível considerar todo e qualquer analista capaz de criar psicanálise, e não apenas de reproduzir o cabedal. E mais: o procedimento teórico-clínico adotado permite ao analista validar, sem receio, o conjunto de ideias menos canônicas (nem por isso menos significativas) nascidas na e a partir da clínica. Esse movimento teorizante permitiu relativizar a importância das escolas, dos grandes nomes da psicanálise, que na época se apegavam a diferenças e controvérsias de menor relevância, ao elevar, por vezes, algumas teorias e a metapsicologia à categoria de dogma.

Revelar a essência interpretativa da psicanálise, ciência da criação de sentido por ruptura de campo, lhe confere, no mesmo instante, conceito abrangente e instrumento flexível. Ao identificar a ruptura de campo como o método da psicanálise, forma e conteúdo tornam-se livres. Desse modo, evita-se a padronização da clínica e promovem-se expedições a áreas pouco visitadas pela tradicional psicanálise brasileira, principalmente aquela ligada à IPA, que se encastelara no modelo da análise didática. A liberdade da forma como que provoca a psicanálise a se colocar em risco, a se provar capaz de percorrer territórios perturbadores e promover clínica e pensamento clínico nos mais diferentes redutos

humanos. É quando o psicanalista passa a ocupar (como possibilidade) posição semelhante à de um explorador. A bagagem, entretanto, é leve e traz poucos instrumentos. Leva o método de ruptura de campo como uma lanterna ultrasensível – dessas que permanecem em estado de dormência e só iluminam quando um objeto se coloca ao alcance do foco. Leva também o procedimento básico do método: deixar surgir e tomar em consideração – procedimento construído a partir da *atenção flutuante* de Freud e semelhante ao *sem memória e sem desejo* de Bion. Herrmann nomeia a libertação da forma de *psicanálise extensa* a partir, provavelmente, de Lacan (Lustosa, 2003). Do conteúdo, a desobrigação passa não apenas pelo conceito de ruptura de campo, mas também pela noção de *inconsciente relativo*, que questiona a ideia freudiana da existência de um conjunto de símbolos armazenados em um dado local longínquo da mente. A compreensão do inconsciente como depósito de conteúdos arcaicos guardados desde a origem do sujeito não tem eco nas proposições da Teoria dos Campos. Baseado nos estudos partilhados com Isaias Melsohn e na leitura de filósofos como Susanne Langer e Ernst Cassirer, Herrmann (1979/2001a) questionou essa concepção, orientada pelo positivismo (já ultrapassado), ao afirmar que não é possível saber o que não existia – só é possível saber o que existe quando passa a existir. A consciência, segundo esse autor, é processo ativo, é consciência de alguma

coisa, enquanto o inconsciente é concebido como possibilidade de significação, refere-se ao que pode surgir pela interpretação e, ao surgir, deixa de ser inconsciente. Fala-se, portanto, em inconscientes relativos, apreendidos pela ruptura de campo, e com o termo *inconsciente* Herrmann prefere designar o que não se dá a conhecer.

É o inconsciente, entretanto, que ao denunciar que um processo multideterminado (cultural, material, imagético, histórico, filogenético) e constante atua na produção de cada um dos próprios conteúdos dá a medida da não equivalência da consciência consigo mesma. O inconsciente visto nessa perspectiva reúne todos os sentidos potenciais a serem apreendidos pela consciência. É a própria forma humana. É também aquilo que não se sabe, nunca se sabe, porque quando se sabe deixa de ser inconsciente.

É dessa maneira que a psicanálise pode se livrar da repetição estéril que aprisiona e esmaga os sentidos e os analistas. Trabalhar sob a perspectiva de sentidos potenciais liberta o psicanalista de encontrar sempre a mesma história – os grandes temas analíticos, como complexo de Édipo, castração, relação mãe-bebê, superego, modos de se relacionar, padrões mentais e configurações psíquicas. A psicanálise, portanto, avança na direção de revelar novos campos representacionais, exala frescor criativo, e talvez recupere a vitalidade e a graça dos trabalhos pioneiros, mas evita a ingenuidade, pois já se identifica como ciência.

O livro *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação* (1991/2003b) é um exemplo perfeito do trabalho analítico via método. Original e criativo, impressiona o leitor pelas proezas interpretativas, furor libertário e prototeorias; convida o analista a pensar a clínica com a própria cabeça, tornar-se senhor da psicanálise e não se sujeitar ao saber de outros. Essa é mais uma característica central dessa obra e diz muito sobre a forma como o pensamento latino-americano, colonizado ao ponto de repetir como fórmula dogmática as teorias estrangeiras, procurou impedir o nascimento de um pensar crítico local sobre a psicanálise, reforçando o que Roberto Schwarz (1973/2014) descreveu no clássico ensaio “As ideias fora do lugar”. A obra de Herrmann não apenas se coloca contra a apropriação espúria de uma psicanálise diminuída de seu potencial criativo e curante – tão comum é em nosso meio, por força do hábito, a repetição de maneira enviesada de ideias estrangeiras. Ela indica saídas. É ao mesmo tempo representante legítima da originalidade que nos faltava, para que se desenvolva um pensamento crítico tão potente quanto aqueles vindos do estrangeiro.

### 3. O método e as técnicas

Ao conferir abrangência, leveza e flexibilidade à psicanálise por meio do conceito estrutural de ruptura de campo, Herrmann empreendeu um estudo minucioso das diferenças entre técnica e método. Essa diferenciação se fez necessária a partir do

momento que a clínica-padrão, identificada com a análise didática, deixou de ser o único modelo de clínica psicanalítica para a Teoria dos Campos. Permitiu, portanto, a expansão da clínica e ofereceu instrumentos de trabalho para os praticantes em territórios ermos e pouco explorados. O estabelecimento de pequenas distinções exige rigor do pensamento; categorias próprias surgem do esforço de diferenciação. A Teoria dos Campos considerou o processo analítico como encarnação do método, é clínica viva, os pacientes (e a cultura) em análise; as técnicas equivalem aos procedimentos e proposições que conduzem a análise em conformidade com o método. Dessa forma, admitem-se alterações na técnica, desde que sejam exigências do processo analítico, para cumprir o método.

O método da psicanálise, foi afirmado, é soberano e essencial porque tem somente como objetivo que as regras ou relações ocultas de determinado campo sejam descobertas – essa é a operação fundamental do método psicanalítico. Como fazê-lo é a questão colocada. Qual é a técnica? Como proceder? Várias são as técnicas e todas dizem respeito à forma de encaminhar determinada análise; são os princípios do bem-fazer em acordo com o método e adequados ao método. Herrmann julgou que incluímos nesses princípios o *setting*, a frequência, a cobrança e toda série de recomendações variáveis sobre como lidar com a transferência (e que tipo de transferência) e com a interpretação, e se esta deve estar focada na angústia, na transferência, na experiência emocional ou na história. Ajustes são feitos quando se trata de análise

de crianças, psicóticos, casais, famílias, grupos, instituições etc. É apenas um pequeno número de exemplos de variações da técnica que visam assegurar a boa análise. A função terapêutica da psicanálise é identificar conhecimento e cura; ao se desconhecer o cerne operacional, podem-se restringir os meios, diminuir certos tipos de ação e de ângulo de alcance. Como consequência, temos a “democratização” da prática clínica e o reconhecimento das práticas psicanalíticas diversas do modelo da análise didática.

#### 4. Psicanálise do cotidiano

Uma das resultantes mais importantes do conceito metodológico de ruptura de campo se realiza na rigorosa e criativa análise da cultura feita por Herrmann (1985/2001b, 1998, 1999, 2002, 2003a, 2004 e 2005). Após ter deitado no divã a clínica psicanalítica e a psicanálise (o livro *Andaimos do Real: o método da Psicanálise* [1979/2001a] é fruto dessa operação), agora deita os fenômenos sociais e grupais. Acreditou recuperar para a psicanálise o território da cultura, tão explorado por Freud, mas esquecido pelos analistas posteriores ao mestre, que se concentraram na prática de atendimento aos pacientes e, por algum reducionismo difícil de explicar, entenderam que essa atividade era maior, excluindo a cultura do horizonte de trabalho.

O mundo enquanto pensamento é psique em ação, forma e origem. Portanto, para conhecer psicanaliticamente o mundo

é necessário conhecer a origem das ideias: inoculadas pelo *Real*, o grande produtor de sentido que se esconde atrás dos produtos. Só temos acesso ao Real por meio da realidade, ou seja, por meio de diversas relações – relações que, vistas na interioridade do sujeito psíquico, são denominadas *identidade* e, quando observadas no mundo, são nomeadas *realidade*.

Herrmann define o que significa *quotidiano*: é o campo geral das relações, o lugar em que o Real se transforma em realidade. O psicanalista, por meio da imersão simpática em seu objeto, o reino dos sentidos, pode investigar dado fenômeno da cultura ou da realidade social.

Na perspectiva campista, homem e mundo não se antagonizam, identidade e realidade se cruzam e se combinam. Herrmann concentrou-se em fatos históricos recentes e em movimentos sociais, mas também analisou a tecnologia e as dietas. De cada tema extraiu conceitos inovadores para o pensamento psicanalítico – fazer como Freud fez foi a inspiração. Ao tratar de processo de familiarização, sistema autoritário e sociedade da informação, toma o ato puro como *regime* de ação do homem e da cultura pós-moderna: salto visionário, que merece maior exploração da parte dos psicanalistas e estudiosos da cultura, pois ideias reverberam, alicerçam outras ideias, e são formas de conhecimento. E então o homem, diante do crescente afastamento da experiência, desde a era industrial, com a consolidação da sociedade regida pela informação – que

tem na virtualidade a grande figura –, passa a usar a violência como forma sintomática de recuperação de sentido. Não se podem mais fazer afirmações, não há confiança nos fatos, não há verdade irrefutável, e o saber, o simples saber, foi desautorizado pelas ciências. Incertezas se dissipam pelo mundo. Herrmann observou o agravamento da crise da realidade a partir dos anos 80. Propôs, então, que a perda de substância do homem e do mundo, na qual a experiência é substituída pela informação e a tecnologia toma o lugar das relações, nos levará a funcionar sob a égide do *regime do atentado*. É assim que a ação toma o lugar do pensamento. O crescente número de atentados seria a expressão do sintoma da perda de substância do homem e do mundo? Essa forma passaria então a impregnar desde políticas econômicas até o comércio de produtos infantis. Adolescentes em busca de um atestado de existência “causam”, adultos “chocam”, imagens são espetaculares, e tudo se torna excessivo e bombástico. O efeito do terror e dos inúmeros atentados que açoitam o mundo é uma manifestação da vã tentativa de recuperar potência e sentido, esmagados pela excessiva leveza, abstração incorpórea, do mundo atual. E, como todo sintoma, mais agrava o mal do que o cura.

A compreensão das *novas patologias* pela Teoria dos Campos pertence a essa vertente que decidiu por não distinguir História de história pessoal, problematizando, por exemplo, a relação entre psicogênese infantil e a cultura.

Os lugares distantes e as culturas exóticas (para fazer como o mestre, Freud, fez) atraíram o pensamento e a imaginação de



Herrmann; suas viagens se casaram com a psicanálise, delas nasceram conceitos analíticos relacionados à particular visão antiturística. No livro *O divã a passeio* (Herrmann, 1992/2001c), percebe-se que a psicanálise penetra em territórios exóticos e se torna mais criativa; ela é o viajante, a viagem e o território a ser descoberto. Bion pretendeu a psicanálise apta a tratar dos mais difíceis pacientes e atingir a mais recôndita loucura; Herrmann pensou a psicanálise como capaz de penetrar as entranhas do Real, destacar suas substâncias e promover sua cura.

##### 5. Literatura/Literacura: o análogo

As ideias de Herrmann funcionam como um jogo de encaixe. Se aceita a vocação interpretativa da psicanálise, que nos brinda com uma estranha ciência que tem como objetivo partejar sentidos, imediatamente encontra-se a literatura, que mesmo não sendo ciência é saber sobre homem e mundo. Octavio Paz (1956/2013) dizia que cada tempo histórico, cultura e homem tiveram gênero literário próprio. Cada homem/tempo histórico criou sua forma de narrar. Não há sociedade sem narrativa, e portanto as narrativas, ou seja, os gêneros produzidos em determinado momento, revelam sobre o que é narrado e sobre como se narra: vidas, costumes, sofrimentos, anseios, amores, estrutura social etc. A literatura oferece a oportunidade de vislumbrar tempos diversos e distantes; ilumina os campos de produção das obras, relativos e subjacentes a elas; permite

também que se saiba algo vindo de lugares distantes do nosso e de nós.

Por isso a literatura/ficção torna-se o análogo da psicanálise, lugar ou campo imaginário para o qual o analista se retira com o propósito de construir teorias, prototeorias, pequenas ou grandes narrativas. Da mesma forma, ao se entregarem ao processo analítico, os pacientes possibilitam o aparecimento de sentidos.

É provável que Herrmann tenha partido da noção de que a matemática é o análogo da física e que as demonstrações matemáticas conferem verdade à física. Se a ficção é o análogo da psicanálise, a forma como se constroem os conhecimentos em psicanálise é análoga à forma como se faz ficção. Ficção se faz por criação de linguagem e ideias, pelo nascimento de sentidos; é interpretação do homem e do mundo; esforço da pena a abrir novos universos. Mais uma vez, a imagem do explorador se associa ao trabalho de Herrmann.

A psicanálise é ciência interpretativa. O lugar em que os conhecimentos são produzidos assemelha-se ao lugar ocupado pela literatura de ficção. Como os escritores, nós, os psicanalistas, não buscamos fatos: procura-se criar a oportunidade para que os sentidos agraciem as realidades; para expor, contar, narrar e descrever o homem, os homens e seus mundos. Os sentidos emergem pelo trabalho analítico e são interpretações que surgem do paciente ou da realidade. Por isso a semelhança com a literatura de ficção, que faz

e é, simultaneamente, um inventário do próprio tempo.

Para Herrmann, o proceder interpretativo, próprio à psicanálise e criado por Freud, é análogo ao fazer do escritor de ficção, poeta ou ensaísta. O ensaio é gênero que expõe ideias e reflexões a respeito de um tema. Consiste na apresentação de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um assunto: ético, humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário, religioso etc. Não é pautado em formalidades, documentos, nem tem estilo definido. Uma forma de conhecimento, que prescindir de provas científicas, muito embora nos brinde com sofisticados pensamentos. Escrito em linguagem denotativa, abre novas relações, cruza conhecimentos, cria compreensões e explora determinado campo. O romance, por meio da trajetória do herói e da narrativa, permite descortinar as alterações nas relações sociais, na forma de amar, no sofrimento privado ou coletivo, e é um retrato fidedigno de seu tempo, ao nos aproximar de dada cultura e língua. Um poema ilumina determinadas coisas e as comunica. Restitui ao leitor, por meio de palavras, certos estados intensos, concretamente experimentados e dotados de significado ao serem postos em palavras. A poesia é corpo e sentido; é catarse e descoberta; transcende e faz sair da circularidade dos próprios pensamentos. A transcendência é também chave para entender a ruptura de campo, que tem filiação direta na ideia

freudiana de *insight* e na palavra *esclaro*, criada por Guimarães Rosa (1956/1983).

O psicanalista, em procedimento análogo aos gêneros descritos, percorre com o paciente histórias – histórias essas que se revelam pela ação interpretativa do método em sentidos múltiplos. Histórias são construídas e reconstruídas a dois, pequenos poemas surgem do encontro analítico; a arte de narrar e de criar sentido para a experiência humana é a arte do método interpretativo da psicanálise. É para esse reino, o análogo, o reino da ficção, que o analista se retira tanto no fazer clínico como no fazer teórico. Portanto, os conceitos estão mais próximos da interpretação do que do sentido de conceito para as ciências tradicionais. Esse é o problema epistemológico criado pela psicanálise, demonstrado por Herrmann e Lowenkron (2004), assemelhando-se a uma espécie de antiepistemologia radical, ciência da singularidade, da não verificabilidade, da impossibilidade de validação, ao exigir redefinição do campo geral das ciências, por não se limitar ao espaço tradicional das definições científicas.

Na psicanálise – pelas mãos de Freud –, as demonstrações se deram por meio da escrita: na escrita são encontrados o inconsciente, o aparelho psíquico, o mecanismo dos sonhos, as pulsões etc. A psicanálise, a partir do arcabouço teórico fundante, nasceu da potência criativa que a escrita oferece para a extensão das fronteiras do pensamento e para a construção de novos conhecimentos e mundos. Ela própria é interpretação.

A título de extensão, exagero, e principalmente como experimentação das teses

sobre literatura como análogo da psicanálise, é que nasceu o livro *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (Herrmann, 2002). Nasceu como obra literária de excelência, como provocação epistemológica rigorosa e demonstração empírica de que a psicanálise é a mais legítima consequência do casamento da medicina com a literatura e, por isso, *é literacura*. Também vem à luz o escritor de ficção. Irônico e bem-humorado, por vezes quase pedante; imensa a cultura que despeja lentamente nas histórias, e imensa também a elegância com que enreda o leitor.

## 6. A crença

O artigo “O escudo de Aquiles: sobre a função defensiva da representação” (Herrmann, 1988) é a abertura para a porção mais densa da obra de Herrmann, o terceiro livro dos *Andaimos do Real: psicanálise da crença* (2006). De inspiração freudiana (1911-1915/2010a, 1914/2010c), tratou de estudar a coincidência entre o surgimento do eu e a psicose, pois o acesso à psicologia do eu passa, exatamente, por compreender a instabilidade, a inconstância, a divisão, a megalomania, o delírio de ciúmes e de influência. O pano de fundo é a fenomenologia. Na obra, a representação é examinada, e as bases para o entendimento da representação como função defensiva são expostas.

A fusão com o Real (*quando* a morte e a loucura nos espreitam), a dissolução das fronteiras entre homem e mundo, entre identidade e realidade, estimularam o

estudo do papel defensivo da representação e lançaram as bases para compreender o que é a representação, como se sustenta e como naufraga. A resposta de Herrmann está na *crença*, modo de ser da psique, força que mantém a ilusão de que desejo e Real são vetores separados. No momento em que a crença enfraquece, percebe-se que a identidade está totalmente contida na construção da realidade; esse é o absurdo, proibido a todos (pobres neuróticos); esse é o motivo da enorme ansiedade persecutória da psicose, que denuncia que, ao ver o mundo, nos vemos no espelho. Torna-se evidente que a operação é secreta. Acreditamos que o mundo é o mundo e que sempre esteve em determinado lugar, e que nós sempre fomos nós, diferentes do mundo. Acreditamos no eu, no nosso eu e no eu dos outros. A crença é, entretanto, frequentemente surpreendida (o processo analítico a incomoda), o bom senso é violado, a verdade é questionada, e a aparência intocável de determinada representação se desestrutura. Quando a crença (força que sustenta as representações) se encontra debilitada, apela-se para a prova dos fatos, as provas concretas da realidade; apela-se para as certezas, para reparar qualquer fresta na armadura e conter o contágio com a loucura. A insanidade está presente na fusão com o Real, na aglomeração homem e mundo. Algumas representações são estáveis; outras nem são percebidas – a crença não se mostra enquanto não é abalada. Outras entram em zona de suspeita: como

que irritadas, chegam a produzir incertezas e dúvidas obcecadas. Quando o limite da suspeita é ultrapassado, observa-se o colapso da crença. O eu torna-se bizarro, atravessado pelo mundo, observado por antenas, manipulado por forças oriundas do universo distante, e denuncia que os delírios de influência são mais verdadeiros do que se suporta imaginar, são o avesso da rotina que pretende separar e ordenar cada elemento do mundo e do homem para assegurar que mundo interno é diferente e separado de mundo externo – terminologia freudiana muito explorada pelos analistas da SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo) durante os anos de formação de Fabio Herrmann.

Reunir mundo interno e mundo externo, borrar a distinção, foi apenas uma das consequências, talvez a menor, que o estudo da crença agregou à psicanálise. A mais impactante consequência desse livro (Herrmann, 2006) é a mudança estrutural desenhada, pois é correto afirmar que a crença é um trabalho de metapsicologia a partir do método. Modelo especial e novo de metapsicologia, com desdobramentos clínicos e teóricos importantes. Ao se tratar de representação e crença, penetra-se em um campo teórico, aparentemente, mais próximo do filosófico ou artístico do que do propriamente psicanalítico. Quando se formula o mundo e a clínica pelo referencial da crença, abre-se mão de teorias consagradas, como *aparelho psíquico*, *mente* e *psiquismo*. A ruptura com qualquer traço positivista da psicanálise se

torna nítida no interior de sofisticada e difícil maneira de pensar.

O livro da crença (assim foi chamado) é um grande desafio para quem se dedica aos estudos de psicanálise, pois coloca o analista na posição de trabalhar apenas com representações e abalos na força que as sustenta, sem atribuir valor ou hierarquia. Permite iluminar e legitimar a parte da clínica que resiste a se encaixar em qualquer teoria conhecida. Se a psicanálise tem como vocação recolher os restos e dar voz aos proscritos, a Teoria dos Campos veio recuperar a vitalidade perdida pela saturação do pensamento clínico. Derrubou qualquer vestígio do método positivista, instrumentos e processos. Ao depurar o método, encontrou na crença uma formulação sólida para a abordagem do problema epistemológico da psicanálise. Redefiniu, por meio desse conceito, a legitimidade das teorias psicanalíticas, ao problematizar a forma como se opera a aquisição de conhecimento em psicanálise. Afirmou que o que pode ser adquirido são os procedimentos e mecanismos interpretativos, tal como se acumulam os procedimentos e mecanismos narrativos (ou os manejos da língua próprios à poesia). As teorias psicanalíticas, de forma equivocada, têm se igualado mais aos resultados dos procedimentos interpretativos, quando deveriam centrar-se na maneira, nos mecanismos e procedimentos que promovem o nascer desses sentidos. Essa confusão é típica das jovens ciências. Freud (1915/2010b) já havia imaginado essa possibilidade ao constatar dificuldades das ciências iniciantes em obter categorias claras e critérios rigorosos de ordenação.

O estudo da crença lançou as bases metapsicológicas para a contundente e necessária crítica ao movimento de produção de teorias vigente na psicanálise. Herrmann, com tal base epistemológica, criou no presente o futuro da psicanálise, não apenas ao realizar a vocação de ciência dos sentidos humanos, mas principalmente ao conferir à jovem ciência depuração epistêmica.

A Teoria dos Campos é pensamento original produzido no Brasil. Não é menor nem menos importante que o pensamento psicanalítico de autores estrangeiros como

Lacan ou Bion, que também reescreveram toda a psicanálise à luz das correntes filosóficas que lhes interessaram. O pensamento de Fabio Herrmann é antropofágico: nutre-se de inúmeras influências da psicanálise, filosofia, literatura e ciências humanas, embora quase nenhuma esteja citada em seus escritos. O resultado dessa travessia é uma obra singular, radical e, por vezes, hermética. As novas gerações devem apreciar as contribuições e, principalmente, manter o espírito crítico contido nesse pensamento.

#### Nota

- 1 A questão era entender como análises orientadas pelas mais diversas escolas psicanalíticas funcionavam, o que havia de comum.

#### El legado de Fabio Herrmann: Teoría de los Campos, un pensamiento original

Algunos puntos importantes de la Teoría de los Campos (método, ruptura de campo, inconsciente, técnica, psicoanálisis de lo cotidiano, literacura y creencia) son comentados con la intención de realizar un breve estudio crítico, con el objetivo de situarla junto a las más importantes teorías del psicoanálisis. Se concluye que existe más que originalidad en esta forma de pensar, existe esfuerzo de depuración epistémica con el sentido de llevar el psicoanálisis a cumplir su vocación: tener conciencia general de los sentidos humanos.

**PALABRAS CLAVE:** epistemología; Teoría de los Campos; método; ruptura de campo; psicoanálisis de lo cotidiano; literacura; creencia.

#### The legacy of Fabio Herrmann: Theory of Fields, an original thinking

The author comments on some relevant points of the Theory of Fields (method, rupture of field, unconscious, techniques, everyday psychoanalysis, literacure, and belief). The author's purpose is to briefly develop a critical study in order to place the Theory of Fields among the most important theories of psychoanalysis. According to the author's conclusions, this theory goes beyond originality. In this way of thinking, there is an effort of epistemic depuration in order to enable psychoanalysis to fulfill its calling: to become the general science of human senses.

**KEYWORDS:** epistemology; Theory of Fields; method; rupture of field; everyday psychoanalysis; literacure; belief.

#### Referências

- Bion, W. R. (1991a). *Learning from experience*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1991b). *A memoir of the future*. London: Karnac.
- Freud, S. (2010a). [Artigos sobre técnica]. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 122-228). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911-1915)
- Freud, S. (2010b). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

- Freud, S. (2010c). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Herrmann, F. (1988). O escudo de Aquiles: sobre a função defensiva da representação. *Ide: Psicanálise e Cultura*, 15, 12-16.
- Herrmann, F. (1999). A Psicanálise, a psicanálise e as demais psicoterapias em face do absurdo. *Jornal de Psicanálise*, 32(58-59), 93-132.
- Herrmann, F. (2001a). *Andaimes do Real: o método da Psicanálise* (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1979)
- Herrmann, F. (2001b). *Andaimes do Real: psicanálise do cotidiano* (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Herrmann, F. (2001c). *O divã a passeio: à procura da Psicanálise onde não parece estar* (2a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1992)
- Herrmann, F. (2002). *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2003a, novembro). *Adição à adição*. Trabalho apresentado na I Jornada Promud.
- Herrmann, F. (2003b). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação* (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1991)
- Herrmann, F. (2004). *Introdução à Teoria dos Campos* (2a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2005). Clínica extensa. In L. M. C. Barone et al., *A psicanálise e a clínica extensa* (pp. 17-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2006). *Andaimes do Real: psicanálise da crença*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. & Lowenkron, T. (2004). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. & Minerbo, M. (1998). Creme e castigo: sobre a migração dos valores morais da sexualidade à comida. In I. Carone (Org.), *Psicanálise fim de século* (pp. 19-36) São Paulo: Hacker.
- Isaacson, W. (2007). *Einstein: sua vida, seu universo* (C. Nogueira, I. M. Lando, F. Ravagnani & D. Pessoa, Trans.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lustosa, P. R. (2003). *A pesquisa em psicanálise: entre a técnica, a extensão e a intensão*. Trabalho apresentado em Estados Gerais da Psicanálise: 11 Encontro Mundial, Rio de Janeiro. Recuperado em 26 dez. 2016, de [egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/3e\\_Lustosa\\_35010903\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/3e_Lustosa_35010903_port.pdf).
- Paz, O. (2013). *O arco e a lira* (A. Roitman & P. Wacht, Trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1956)
- Rosa, J. G. (1983). *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril. (Trabalho original publicado em 1956)
- Schwarz, R. (2014). *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1973)

Luciana Estefno Saddi  
Praça Morungaba, 66  
01450-090 São Paulo, SP  
Tel.: (11) 99983-7195  
lusaddi@uol.com.br

## Roteiro de leitura para a obra de Fabio Herrmann

Leda Herrmann

Tarefa desafiadora a que me foi proposta por Luciana Saddi e pela editoria da *Revista Brasileira de Psicanálise*. A obra escrita de Fabio é grande – não se resume aos dez livros publicados: espalha-se pela centena de artigos de revistas, jornais e coletâneas. Fabio escreveu muito nos seus 61 anos de vida (1944-2006). Nesses escritos, esteve sempre presente o pensamento psicanalítico que criou, original e crítico-heurístico, como o defini em meu livro *Andaimos do Real: a construção de um pensamento*.

A solução a que cheguei foi seguir a linha de apresentação de Fabio como autor psicanalítico criada por Luciana em seu artigo. Ative-me a um roteiro pelos livros ordenando-os por essa linha. Não incluí artigos, nem mesmo aqueles em que um importante aspecto do pensamento psicanalítico de Fabio aparece mais explicitamente abordado que nos livros.

Para essa viagem psicanalítica por um pensamento brasileiro original, recomendo a primeira parada no livro *O que é Psicanálise: para iniciantes ou não...* Publicado em 1983, fez parte da coleção Primeiros Passos da editora Brasiliense, e aí conheceu 12 edições sob o título *O que é Psicanálise*, tendo sido adotado em vários cursos de psicologia pelo Brasil. Indico a edição revista de 1999, que no ano passado teve, pela editora Blucher, sua 14.<sup>a</sup> edição. Recomendo-o como o início do percurso deste roteiro porque, ao apresentar a Psicanálise ao iniciante,

Fabio o faz pelos grandes temas psicanalíticos elencados por Freud, introduzindo o leitor pelas veredas do pensamento que criara e vinha trabalhando. Por isso o subtítulo “para iniciantes ou não...”. Nessa última edição, por um azar, foi suprimido o primeiro capítulo, “Duas palavras”, em que Fabio explicita o porquê da linguagem coloquial, em que “o estilo é o de uma história contada a um menino, embora o conteúdo nem tanto” (1999, pp. 7-8), e a revisão que a edição fazia ao texto de 83. “Duas palavras” apresentava um caminho para a leitura desse pequeno livro e aqui, neste roteiro, o livro está indicado como um caminho de apresentação da obra de Fabio.

A segunda estação de nosso roteiro é o livro *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação* (2003, Casa do Psicólogo, 3.<sup>a</sup> ed.). Ele introduz a perspectiva metodológica da criação dessa obra, tão bem explorada no artigo de Luciana, e o faz através da discussão sobre a clínica de nossos consultórios. Ele me parece indicado pela característica que apresenta de penetrar o pensamento clínico psicanalítico pelo método interpretativo.

Na terceira parada indico as introduções dos livros *Andaimos do Real: o método da Psicanálise* (2001, Casa do Psicólogo, 3.<sup>a</sup> ed., “Introdução”, pp. 13-36) e *O divã a passeio: à procura da Psicanálise onde não parece estar* (2001, Casa do Psicólogo, 2.<sup>a</sup> ed., “Breve introdução à Teoria dos Campos”, pp. 9-72). Ambos os textos constituem

uma apresentação do pensamento do autor por ele mesmo e contêm uma espécie de roteiro dos voos que o pensamento de Fabio foi alcançando.

Assim, parece-me que o leitor interessado nessa obra fica preparado para apelar na quarta estação e enfrentar a leitura de *Andaimes do Real: o método da Psicanálise*, já referido e núcleo duro da demonstração do alcance do método interpretativo criado por Freud na perspectiva metodológica crítica heurística criada por Fabio.

Como quinto apeadeiro, recomendo *Andaimes do Real: psicanálise do quotidiano* (2001, Casa do Psicólogo, 3.<sup>a</sup> ed.). Esse livro pode ser definido como a recuperação da prospecção freudiana do saber que ele estava criando, na exploração da intersecção homem/mundo – ou seja, uma recuperação daquilo que foi rompido pela psicanálise pós-freudiana, com sua dicotomização artificial das perspectivas de pensar homem e mundo. Por causa da importância e predominância que foram tomando os desenvolvimentos sobre a clínica de consultório, a partir dos anos 50, o pensamento clínico parece que se viu forçado a essa distinção teórica entre mundo interno e mundo externo, tomando-os como campos opostos em conflito. É nesse livro que se desenvolve a perspectiva, recuperada de Freud, de que a psique, reino do sentido humano, não é exclusivamente individual: é também social.

Seguindo o texto de Luciana, aportamos à importante questão posta por nosso autor

de que, como produção de conhecimento, nossa ciência interpretativa habita um reino análogo que é o da ficção literária. O livro que exemplifica essa posição epistemológica, mesmo sem nunca mencionar a teoria do análogo construída por Fabio, é *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (2002, Casa do Psicólogo). Seu primeiro capítulo, “A ficção freudiana”, introduz o leitor no tema de a forma psicanalítica aparentar-se com a literatura, explorando o Freud escritor, alguém que pensava por escrito. Lança os argumentos que depois vai explorar em seu último livro, só publicado postumamente em 2015, da especificidade da produção de nosso conhecimento, diferindo-o do padrão “correspondência à materialidade” das ciências empírico-formais, como a física, e definindo-o como produtor de teorias interpretativas que nunca descrevem fatos.

Na derradeira estação deste percurso, também acompanhando Luciana, chegamos ao livro *Andaimes do Real: psicanálise da crença* (2006, Casa do Psicólogo, 2.<sup>a</sup> ed.). Último livro da trilogia *Andaimes do Real*, depois de percorrer o caminho do desvelamento do efeito terapêutico da Psicanálise com a exploração do método de ruptura de campo, e da recuperação do estudo do cotidiano mirando a prospecção de campos produtores das condições do mundo em que vivemos na atualidade, apresenta o trabalho minucioso de Fabio da construção de um conceito clínico metodológico: a crença – conceito que, do ponto de vista de nosso método interpretativo e segundo Luciana, “coloca o analista na posição de trabalhar apenas com representações



e abalos na força que as sustenta”, como que oferecendo ao estudioso da Psicanálise e a seu praticante as condições que, pela clínica, do homem ou do mundo, lhe asseguram a descrença necessária nas teorias produzidas para que outras possam surgir, na forma como Freud produziu as suas. Por isso Luciana considera que “o estudo da crença lançou as bases metapsicológicas para a contundente e necessária crítica ao movimento de produção de teorias vigente na psicanálise”. Um livro complementar ao estudo da crença, mas publicado bem antes desse, é *A psique e o eu* (1999, HePsyché), que problematiza a questão do eu como o único conceito positivo da Psicanálise. Encontra no disfarce a condição proposta da multiplicidade do eu, condição que Fabio encontrou para driblar esse engano teórico.

Uma última recomendação de leitura da produção escrita de Fabio e que não vem com posição marcada no roteiro já considerado: trata-se do livro publicado em 2015 pela Karnac do Brasil, *Sobre os fundamentos da Psicanálise: quatro cursos e um preâmbulo*. Esse livro é composto por quatro cursos ministrados por Fabio aqui e no exterior ao longo de sua carreira psicanalítica, com o adendo do trabalho com que se apresentou em 1976 a membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Fabio, em 2004, preparou esse conjunto de quatro cursos já com uma apresentação para o livro. Pretendia publicá-lo ao terminar o último curso, “Meditações clínicas”, que ainda

ministrava na pós-graduação da PUC-SP e no Instituto de Psicanálise da SBPSP. Conseguiu finalizar o curso, mas não o livro, pois faleceu em julho de 2006. Coube a mim fazê-lo com a oportunidade surgida quando da preparação, por Paulo Cesar Sandler, dessa coleção brasileira para a editora Karnac. No livro, Fabio revisita, pelos cursos que elegeu, os grandes temas que compõem seu pensamento psicanalítico. Assim, o leitor do artigo de Luciana, interessado em viajar pelos temas da produção de Fabio por ela selecionados, pode recorrer aos capítulos desse livro, na medida em que tiver aguçado seu interesse. O preâmbulo, “Andaimes do Real: um ensaio de psicanálise crítica”, que introduzi como abertura do livro, é o texto inédito com que se apresenta para membro associado da SBPSP, depois de finda sua formação. Trata-se de um texto que contém o tronco de seu pensamento psicanalítico, a partir do qual se desenvolveram produtivos ramos, segundo metáfora que usei em meu livro antes citado. Já os cursos nos apresentam aos temas do autor por ele mesmo. Nos dois primeiros, discorre sobre sua criação, a Teoria dos Campos, com pontos de partida diferentes em cada um. Os dois últimos representam a revisitação do autor à obra que produziu sem a ela se referir: no primeiro, “Da clínica extensa à alta teoria”, revisita os próprios andaimes de seu pensamento; no segundo, “A intimidade da clínica”, toma a clínica pela intimidade de seus fundamentos e através de exposições de sua prática clínica.

Boas leituras!